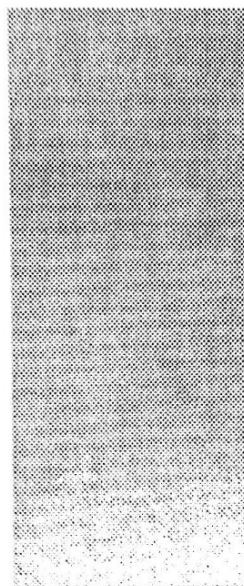


Dulcina Guimarães Rolim()*

Reflexões sobre a importância do cotidiano para as pesquisas em Ciências Sociais

(*) Professora de Didática na Universidade de Sorocaba — UNISO. Mestranda pela Faculdade de Educação — USP



RESUMO

O lado “escuro”, “insignificante” e “pequeno” do social — o cotidiano — passou a ser neste século iluminado pela observação e análise de pesquisadores insatisfeitos com os pressupostos paradigmáticos clássicos. Possivelmente, será concebido, num futuro não tão remoto, como um novo século das luzes, porém, com uma configuração diferente em relação ao seu homônimo: não será mais a lógica cartesiana que o iluminará e sim a razão interpretativa e compreensiva que descreverá os fenômenos. Sob esse enfoque, o microsocial passará a ser o seu instrumental metodológico mais significativo.

O problema maior que se antepõe ao pesquisador social, desde então, é a questão de como olhar esse microespaço até então desconsiderado. Essa revolução copernicana recente tem mantido os pesquisadores cautelosos, mesmo porque não têm faltado opositores para invalidarem como científicas essas novas bases paradigmáticas.

O que se pretende, neste trabalho, é analisar, numa primeira instância, os paradigmas holonômicos em contraposição, e até mesmo em complementação, aos clássicos. Num segundo momento, refletir sobre o cotidiano enquanto instrumental metodológico das pesquisas qualitativas nas ciências sociais, particularmente na Educação.

ABSTRACT

Daily life — the dark, meaningless and small side of society — has been enlightened in this century by the observation and analysis of researchers dissatisfied with the classical paradigmatic presuppositions. In a near future, as in a new century of lights, it will probably be conceived with a different configuration in relation to its homonym: it won't be the Cartesian logic to enlighten it anymore, but the interpretative and understanding reason to describe the phenomena. Under this point of view, the micro — social aspect will turn out to be its most meaningful methodological instrument.

The biggest problem that has come up to the social researchers since then is how to face this hitherto ignored micro — space. This recent Copernican revolution has kept researchers cautious, even because there are opponents to invalidate as scientific these new paradigmatic basis.

What we intend to do in this work is, first of all, to analyse the holonomic paradigms in contrast and even in complementation to the classical ones. Afterwards, to reflect about daily life as a methodological instrument of qualitative researches in Social Sciences and specifically in Education.

COMO OLHAR — UMA QUESTÃO PARADIGMÁTICA

A questão do método de pesquisa, ou a questão metodológica, constitui-se em um dos problemas mais comprometedores nas ciências sociais. Importados das ciências naturais, os paradigmas clássicos não deram conta das indagações das ciências sociais, impelindo-as ao funcionalismo reducionista, responsável pelo seu atraso em relação às primeiras.

Podemos afirmar que subjaz aos paradigmas uma lógica orientadora do olhar ao defini-los como um esquema de pensamento, ou uma estrutura de pressupostos, do qual lançamos mão para explicar a realidade e construir suas teorias. Sendo que o princípio da complementaridade metodológica libera o pesquisador a utilizar-se de mais de um paradigma para responder aos desafios de suas pesquisas. A atenção e a sensibilidade também embasam-no à escolha do paradigma segundo as possibilidades explicativas e compreensivas do universo estudado. Por outro lado, o excesso de zelo do pesquisador em demonstrar a validade do seu objeto de pesquisa, mais a fidedignidade dos dados obtidos e a preocupação em mostrar-se cientista competente, fê-lo enveredar por caminhos metodológicos e conclusões, inúmeras vezes, inacessíveis à apropriação, por terceiros, desse conhecimento elaborado. Sem dúvida, a volta à simplicidade paradigmática responderia mais precisamente à inquietação de todos os pesquisadores, principalmente os das ciências sociais.

Tal como em outros períodos de transição difíceis de entender e de percorrer, é necessário voltar às coisas simples, à capacidade de formular perguntas simples, perguntas que, como Einstein costumava dizer, só uma criança pode fazer mas que, depois de feitas, são capazes de trazer uma nova luz à nossa perplexidade (Souza, 1988, p.46)

Dessa forma, vítima do positivismo lógico ou do mecanicismo materialista, as ciências sociais não têm respondido às expectativas dos cientistas. O suposto rigor científico em transportar para o social os mesmos paradigmas das ciências naturais — os dados que não apresentam regularidades e que não são quantificáveis são irrelevantes — não só empobreceu o entendimento do complexo, como complexificou o óbvio. Quer intencionalmente reafirmada pelo interesse político da classe dirigente, ou sinceramente perseguida por cientistas mais desatentos, essa predisposição paradigmática em relação às ciências sociais tem impedido o avanço estrutural e organizacional das instituições, ao não compreendê-las em sua concretude e singularidade histórica, social e cultural.

O determinismo mecanicista é o horizonte certo de uma forma de conhecimento que se pretendeu utilitário e funcional, reconhecido menos pela capacidade de compreender profundamente o real do que pela capacidade de o dominar e transformar (Souza, 1988, p.51).

A partir, porém, de descobertas que vieram revolucionar as ciências naturais pelos estudos e descobertas da mecânica quântica — colocando em dúvida o princípio mais sacral da ciência natural — a previsibilidade — as suas tão seguras bases metodológicas começam a ruir. Ora, se a lógica cartesiana não consegue mais explicar o, até então, absolutamente comprovável, palpável e suposto mundo concreto, o que se pode esperar da aplicabilidade dos princípios metodológicos das ciências naturais às ciências sociais, uma vez que estas supõem uma heurística tão particular! Desde então as ciências sociais devem, no mínimo, rever seus procedimentos no que se refere à redução dos fatos sociais a uma realidade observável e mensurável.

Em vez da eternidade, a história; em vez do determinismo, a imprevisibilidade; em vez do mecanicismo, a interpretação, a espontaneidade e a auto-organização; em vez da reversibilidade, a irreversibilidade e a evolução; em vez da ordem, a desordem; em vez da necessidade, a criatividade e o acidente (Souza, 1988, p.56).

Assim, as dicotomias tão geradoras de conflituosos sectarismos tendem a ser substituídas, contemporaneamente, por uma compreensão interdependente de consciência e matéria *“sem, no entanto, estarem ligadas por nexos de causalidade”* (Souza, 1988, p.61). E que esses paradigmas sejam determinantes no encaminhamento de pesquisas sociais e na conseqüente elaboração de teorias.

É como se o dito de Durkheim se tivesse invertido *“e em vez de serem os fenômenos sociais a serem estudados como se fossem fenômenos naturais, são os fenômenos naturais estudados como se fossem fenômenos sociais”* (Souza, 1988, p.61).

Reforçando essas reflexões sobre os paradigmas, é oportuno citar Edgard Morin na sua reflexão sobre natureza, cultura e hominização, ao enfatizar que *“o homem é um ser cultural por natureza pelo fato de que é um ser natural por cultura”* (1979, p.93). Na verdade, esta afirmação constitui-se na essência do olhar não clássico sobre uma concepção humanística, tentando resolver as dicotomias entre corpo e consciência, emocional e fisiológico, grupal e individual, biológico e cultural. É o olhar holonômico sobre o ser humano, numa relação de interdependência até mesmo com as chamadas ciências naturais. Subjaz a essa concepção uma nova reconceptualização epistemológica e metodológica do conhecimento científico, superando a dicotomia ciências naturais e ciências sociais. O conhecimento pós-moderno é constituído, então, a partir de *“uma*

pluralidade metodológica”, uma vez que não é determinístico, uma vez que “*é um conhecimento sobre as condições de possibilidades. As condições de possibilidade da ação humana projetada no mundo a partir de um espaço-tempo local*” (1979, p.66).

A tolerância discursiva é o outro lado da pluralidade metodológica. Na fase de transição em que nos encontramos são já visíveis fortes sinais deste processo de fusão de estilos, de interpretações entre cânones da escrita (Souza, 1988, p.66).

Constata-se, no mundo dito pós-moderno, que as pesquisas no campo das ciências sociais tendem a rejeitar os paradigmas clássicos e se aproximam da lógica recursiva — A e B, enquanto o A está atualizado, o B se encontra potencializado quando as partes estão se interrelacionando de forma complementar e antagonista como partes de um todo — na busca de respostas mais satisfatórias às suas hipóteses e indagações. Ao fazê-lo, incorporam a multidisciplinaridade, a localidade e a temporalização dos fenômenos para o seu entendimento de totalidade.

No futuro não se tratará tanto de sobreviver como de saber viver. Para isso é necessária uma outra forma de conhecimento, um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e antes nos una pessoalmente ao que estudamos. A incerteza do conhecimento, que a ciência moderna sempre viu como limitação técnica destinada a sucessivas superações, transforma-se na chave do entendimento de um mundo que mais do que controlado, tem de ser contemplado (Souza, 1988, p.68).

Também defensor dos novos princípios paradigmáticos, Michel Maffesoli (1979, p.13) afirma que “*é bem mais ‘realista’ reconhecer o impressionismo de uma avaliação, afirmar a polissemia que brilha numa situação ou num conjunto social do que acreditar na cientificidade de um veredicto generalizante e totalitário*”

O QUE OLHAR — A QUESTÃO DO COTIDIANO

... é na trama de todos os dias, além do político, de suas palavras de ordem e de seus diversos jogos que podemos compreender a soberania social; talvez devamos dizer que toda a sua força se deve ao fato de permanecer escondida... (Maffesoli, apud Teixeira, 1990, p.148).

A análise da vida cotidiana, ou seja, do microsocial revela condições explicativas e compreensivas do comportamento social humano. Assim, a aceitação e resistência, a duplicidade a astúcia e o silêncio e a solidariedade orgânica constituem categorias invariantes do lado não iluminado do social,

representando o enfrentamento simbólico a uma sociedade hierarquizada. (Teixeira, 1990, p.141).

O cotidiano é o lugar de todos os dias. Tem aparência de monótono e banal; no entanto, há nele uma conotação valorativa, simbólica, quando a ele nos referimos. Possui, em síntese, uma carga sócio cultural e é, a partir da valorização, que o não cotidiano recebe (festas, comemorações, funerais etc.) e da desvalorização sofrida que se presta como instrumental metodológico inestimável para as pesquisas sociais.

A ênfase no estudo do cotidiano surge no momento da crise dos grandes enfoques explicativos que destroem o todo em partes e não o reconstroem, oferecendo assim uma visão fragmentária e parcial da realidade. Como vimos, sob esse novo entendimento, ilumina-se um olhar holonômico, complexo, heterogêneo e plural, contrapondo-se aos ismos explicativos: positivismo, marxismo, funcionalismo etc., que se constituíram em grandes paradigmas e não deram conta da realidade social. O estudo do cotidiano, porém, não se encerra em si mesmo, tem sentido apenas como “alavanca metodológica” para a compreensão da pluralidade social.

Ao centrar seu estudo no cotidiano o pesquisador se defronta com algumas concepções sóciofilosóficas relativas à sua abordagem. Ao analisar as abordagens quantitativas, verifica que estas se fundamentam no positivismo e no funcionalismo; portanto, seu objeto de estudo é a regularidade da vida social cotidiana e sua planificação. Ao voltar-se para as abordagens críticas, as marxistas, vai deparar com a perspectiva de conhecer a realidade com vistas a transformá-la. Ao tentar concentrar seus esforços em compreender o cotidiano mais do que transformá-lo, vai se encontrar com as abordagens compreensivas, ou sejam, as fenomenológicas e as socioantropológicas, que enfatizam a construção do social partindo das partes como meio de se chegar ao todo. Para esta última, o macrossocial seria o reflexo das interações pessoais que acontecem no cotidiano, local no qual se atribui sentido às ações mais amplas.

Para A.Heller *“a vida cotidiana não está ‘fora’ da ‘história’, mas no ‘centro’ do acontecer histórico: é a verdadeira ‘essência’ da substância social”* (1985, p.20). Para ela a vida cotidiana confunde-se com a vida do indivíduo que é, ao mesmo tempo, “ser particular” e “ser genérico”, sendo que não existe uma linha divisória entre o comportamento cotidiano e o não cotidiano.

Assim, quando o pesquisador social desloca seu olhar fragmentário e excludente próprio das metodologias utilizadas nas ciências sociais para o olhar globalizante de outros paradigmas, descortina-se-lhe o horizonte complexo e óbvio da cotidianidade. Este espaço, embora aparentemente banal, oculta as respostas que as ciências sociais — e muito provavelmente as naturais — carecem para suas indagações mais finalísticas.

COMO OLHAR NO COTIDIANO AS QUESTÕES EDUCACIONAIS

Em Educação, os métodos qualitativos, importados da Antropologia, remetem o pesquisador à reflexão e análise do pensamento de alguns teóricos sobre os acontecimentos concretos nas escolas e os comportamentos dos atores neles envolvidos.

Temos, então, em Frederick Erickson (1986) o alerta sobre os desacordos entre os pesquisadores acerca dos seus procedimentos e fundamentos teóricos; os cuidados que devem ser tomados no desenrolar da pesquisa qualitativa quanto a invisibilidade da vida cotidiana; a compreensão dos fatos concretos observados e a comparação com outros cenários sociais. Erving Goffman (1975) em sua teoria da representação teatral, descreve as inúmeras condições em que os atores desempenham seus papéis em cenários específicos: prédios, fábricas etc.. Para o pesquisador educacional os conceitos de Goffman se revelam norteadores à compreensão de situações intra-escolares no que indicadoras de problemáticas mais profundas, arraigadas a situações cotidianas da vida escolar. Da mesma forma, Peter Mc Laren (1990) aborda a questão dos rituais na escola e o quanto de simbólico estão impregnadas suas práticas cotidianas.

De como estudar no cotidiano as questões educacionais emerge, decorrente, a abordagem etnográfica no sentido antropológico concebido por Geertz (1989). Para ele o conceito de cultura é essencialmente semiótico, portanto, a Antropologia não seria *“uma ciência experimental em busca de leis”*, mas uma ciência *“interpretativa, a procura do significado”* (p.15). A Antropologia e a Etnografia têm uma relação de intimidade tão profunda que ele acaba por não considerar a Etnografia como uma simples técnica, e sim como um esforço intelectual em ler e interpretar a linguagem comportamental e oral. Assim, Etnografia é *“uma hierarquia estratificada de estruturas significantes em termos das quais”* os fatos *“são produzidos, percebidos, interpretados, e sem as quais eles de fato não existiriam”* (p.17).

Constata-se, pela história da pesquisa educacional, que o emprego da Etnografia na área é recente. Ao importá-la da ciência antropológica, os mais expressivos etnógrafos, ao desenvolverem estudos utilizando a Etnografia aplicada à pesquisa educacional, iniciam seus trabalhos nas décadas de 60 na Inglaterra e 70 nos Estados Unidos. Alimentam-se do pressuposto de que a interpretação de significados das interações sociais cotidianas, conectadas a um contexto social mais amplo, configuram uma forma mais meticulosa de estudar a cultura escolar. O americano Frederick Erickson (1986), que prefere utilizar o termo interpretativo para várias abordagens qualitativas na investigação sobre Educação, aponta como característica básica do processo *“el interés central de investigación en el significado humano y su aclaración y exposición por el investigador”* (p.2). Dessa forma, o trabalho interpretativo, para ele, também não se reduz a uma simples técnica ou procedimento e sim a questões de conteúdo, uma vez que *“es cuestión de enfoque e intención substantivos”* (p.2).

Para Elsie Rockwell (1982), em seus estudos sobre Etnografia Aplicada à Educação, o objeto de estudo não é real e sim um processo construído a partir de concepções teóricas e dados empíricos, sendo que, de uma certa forma, os dados encontram-se na mente do etnógrafo. A reconceptualização do objeto de estudo é o dado mais importante do fazer etnográfico. Portanto, sua posição teórica, como ela mesma afirma, não é positivista e nem indutivista, uma vez que não entende que as categorias surjam apenas dos dados. Dessa forma, pode-se concluir que o etnógrafo trabalha numa perspectiva interacionista na construção do conhecimento — e das categorias — induzido por uma situação social particular. E isto significa que, apesar de seus conceitos teóricos **a priori**, ele deve interpretar os significados que atores sociais imputam à sua própria realidade e, dessa interação, fazer surgir uma nova reconceptualização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ERICKSON, Frederick. Metodos cualitativos en la investigación de la enseñanza. In: M. Wittrock. **Handbook research on teaching**. Trad. Martha Corestein Z. New York: Mc Millan Publishing, 1986.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, s.d.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- Mc LAREN, Peter. **Rituais na escola: em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.
- MORIN, Edgard. **O enigma do homem**. Para uma nova antropologia. Trad. Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- ROCKWELL, Elsie. **Reflexiones sobre el proceso etnografico**. México: Centro de Investigación y de Estudios Avanzados del Instituto Politecnico Nacional. Departamento de Investigaciones Educativa, 1982-1985. (Mimeo.)
- SOUZA SANTOS, Boaventura. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. In: **Revista de Estudos Avançados**, v. 2, n. 2, p. 46-71, maio/ago, 1988
- TEIXEIRA, Maria Cecília Sanches. **Antropologia, cotidiano e educação**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.